

**A TEORIA DA ORDEM ESPONTÂNEA NA VISÃO DE FRIEDRICH HAYEK: UMA ANÁLISE DA
LIBERDADE E DO DIREITO DE LIBERDADE NA POLÍTICA ESTATAL**

FRIEDRICH HAYEK'S THEORY OF SPONTANEOUS ORDER: AN ANALYSIS OF LIBERTY
AND THE RIGHT TO LIBERTY IN STATE POLICY

Dr. Francisco José Mendes Vasconcelos

Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA)

Me. Renato Moreira de Abrantes

Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

RESUMO

Este trabalho articular reside nos campos histórico, do Estado e do desenvolvimento social, e tem como mister analisar a Teoria da Ordem Espontânea sob a perspectiva de Friedrich Hayek e sua repercussão no direito de liberdade. Para alcançar o objetivo proposto far-se-á uma sinopse entranhada em teorias de vários pensadores, tais como: Edwin van de Haar, Carl Schmitt, Francis Fukuyama, Bernard Brodier, Byung-Chul Han, dentre outros, através de uma pesquisa bibliográfica. As sociedades humanas são regulares, de outro modo, os indivíduos não seriam capazes de desvelar suas próprias vidas satisfazendo suas necessidades básicas. Ademais, sem essa regularidade, a cooperação seria muito difícil; quiçá, impossível. Essa regularidade obedece uma espontaneidade: uma ordem social. Que ordem é essa? Qual a sua natureza? É artificial ou natural? Conforme Hayek, essa ordem social é resultante das ações humanas, e não de suas intenções. Daí a sua característica de ser espontânea. A vida em sociedade se estabelece pelas condutas adotadas pelos indivíduos na busca pela cooperação uns com os outros. Esse comportamento cooperativo somente é possível porque, conforme Hayek, existe "uma correspondência entre as intenções e as expectativas que determinam as ações de diferentes indivíduos" (1985, p.37) em comunidade. A harmonização entre as intenções e expectativas dos diferentes indivíduos proporciona que a ordem social se manifeste no mundo sociável através da liberdade econômica. A ordem tem essa estrutura imprescindível. Sem essa dimensão estruturante, as ações humanas transcorreriam de forma desordenada e a humanidade extinguir-se-ia.

Palavras-chave: Ordem Espontânea. Desenvolvimento Econômico. Liberdade.

ABSTRACT

This paper intertwines historical, state and social development fields and aims at analyzing the Theory of Spontaneous Order under the perspective of Friedrich Hayek and its repercussion in the right to liberty. To achieve the proposed goal we will read the theory of many thinkers, such as: Edwin van De Haar, Carl Schmitt, Francis Fukuyama, Bernard Brodier, Byung-Chul Han, among others, through a bibliographic research. Human societies are regular; otherwise, the individuals would not be able to guard their own lives by satisfying their basic needs. Moreover, without this regularity, the cooperation would be very difficult, perhaps, impossible. This regularity obeys to one spontaneity: a social order. But, which order is this, what is its nature? Is it artificial or natural? According to Hayek, this social order is resulted by human actions and not by their intentions. That is the reason why it is spontaneous. Life in society is established by the adopted conducts of individuals in the search for cooperation with each other. This cooperative behavior is only possible because, according to Hayek, there is "one correspondence between the intentions and expectations that determines the actions of different individuals" (1985, p. 37) in the community. Harmonization between the intentions and expectations of the different individuals affords that the social order appears in the sociable world through the economic liberty. The order has this indispensable structure. Without this structural dimension, human actions would occur in a disorderly way and humanity would be extinguished.

Keywords: Spontaneous Order. Economic development. Liberty.

1 INTRODUÇÃO

As ideias de Friedrich Hayek tiveram uma aceitação lenta no século XX. Enquanto o livro *O Caminho para a Servidão*, de 1944, teve um relativo sucesso no momento em que foi publicado, apenas após a década de 80 suas ideias começaram a ser implementadas. Uma das ideias que se considera essencial em seu pensamento é a "Teoria da Ordem Espontânea". Sendo um dos sustentáculos do liberalismo moderno, Hayek auxilia a decifrar o futuro da ordem política e econômica mundial que hoje enfrenta uma enorme quantidade de mudanças. As ideias deste austríaco se tornam mais importantes devido ao possível retorno de governos totalitários pautados no socialismo, que se recusam a desaparecer em muitos países. Mesmo em lugares de origem tradicional do liberalismo, como os Estados Unidos da América, os mesmos tiveram uma aceitação maior das velhas ideias marxistas.

O intuito principal deste ensaio articular é levar em consideração a ideia da Teoria da Ordem Espontânea no liberalismo e, ao mesmo tempo, assentar a viabilidade deste conceito teórico em face de uma ordem internacional atual, tanto política quanto economicamente.

Inicialmente, usar-se-á o pensamento de Edwin Van de Haar para preludiar a problemática, além de discutir Carl Schmitt para se contrapor aos argumentos esgrimidos. As limitações da liberdade individual e coletiva são debatidas e rebatidas no escopo de responder a indagação sequente: É possível estabelecer uma ordem política internacional sob os termos da Teoria da Ordem Espontânea proposta por Hayek?

2 MOVIMENTOS TOTALITÁRIOS E FASCISTAS

A ordem social em troca de liberdade é um mau negócio.
(Marquês de Sade)

No dia 4 de fevereiro de 1943, na sinistra cidade de Stalingrado, já arruinada, os últimos baluartes das forças germânicas, compostas por mais de por 11 mil soldados, enviaram uma mensagem radiofônica para sua nação. Discursaram sobre o orgulhoso sacrifício que estavam fazendo em prol de seu líder, Adolf Hitler, e do país. Dias antes, a maioria da *Wehrmacht* (Exército Alemão) rendeu-se por seu marechal-de-campo, Friedrich Paulus, que se recusou a cometer suicídio a mando do próprio *führer*. Os sobreviventes deste cenário bélico, cerca de mais de 90 mil soldados, foram colocados à disposição do Exército Russo, na época comandado por *Josef Stalin*, que lhes deu um tratamento desumano a ponto de que apenas cinco mil conseguem retornar à sua pátria germânica. Ainda hoje a batalha de Stalingrado é motivo de estudos e relatos, inclusive cinematográficos, pois é considerada uma das mais sangrentas e cruéis da história da humanidade.

Parte-se desse evento como marco temporal deste artigo. Baseado no pensamento do alemão Carl Schmitt, retorna-se à ideia do que seja político como aquela que unge a tudo que está relacionado ao Estado, suas leis e as forças armadas para defendê-lo (SCHMITT, 2009), e cujo fato narrado mostra-se a prática que pode ser vista na mentalidade dos soldados que lutaram naquele terrível combate. O político para Schmitt (2009) se encaixa perfeitamente com a ideia que o nazista daquela época tinha sobre as leis que precisava seguir, o Estado que ele deveria obedecer e sobre as armas usadas para enfrentar sua contraparte dicótoma. Na hora da rendição em Stalingrado eles foram colocados à disposição do general russo *Vasili Chuikov*, que estava sob as ordens de *Stalin*, cujo condão despótico era semelhante dos nazistas e de seu *führer*.

Dois países, Alemanha e Rússia, levaram o fascismo e o totalitarismo a níveis nunca antes vistos. Tais países foram responsáveis por uma quantidade considerável de mortes despropositadas que delinearam grande parte do século XX. O socialismo de *Stalin* durou mais que o nazismo de *Hitler* e confirmou a tese que Hayek havia previsto em 1944, em seu livro *The Road to Serfdom* ("O Caminho para a Servidão"). Friedrich Hayek tinha conhecimento sobre o socialismo moderno e sua forma de operação. Somente através de um forte governo ditatorial - disse ele - poderia o sistema socialista ser realizado (HAYEK, 1946).

O sócio filósofo francês Jean-Pierre Fayed (2002)¹, na *Teoria da Ferradura* - "Les extrêmes se touchent" ("Os extremos se tocam"), supõe que na ciência política os polos extremos do espectro político são semelhantes. Tanto *Hitler* quanto *Stalin* são provas do que o controle político e os Estados-Nação são capazes de fazer. Embora a Alemanha, naquela época, representasse a ideologia da extrema direita (e essa ideia é

¹Em seu livro de 2002, *Le Siècle des idéologies*.

discutida hoje²) e a URSS para a esquerda radical, o tratamento que eles tinham com seu povo era exatamente o mesmo.

Figura 1 – A Teoria da Ferradura aponta que a extrema-esquerda (far left) e a extrema-direita (far right) estão mais próximas entre si do que para o centro político



Enquanto a União Soviética mantivesse seu sistema totalitário por mais tempo, devido a seu *status* de vencedor, caiu sob a tese da impossibilidade do cálculo econômico de *Mises* (e outras razões) anos depois.

Parece que desde o final do século XX até os dias de hoje, tanto os intelectuais da esquerda³ e da direita veem o liberalismo como a ideologia triunfante do mundo; ambos criticam o capitalismo selvagem. Mas o crescimento econômico e o desenvolvimento dos países, que em épocas passadas eram chamados Terceiro Mundo (o nome usado hoje em dia são países em desenvolvimento), consideram confirmar a Tese de *Fukuyama*⁴ e "O Fim da História". Embora esse fato seja atribuído ao triunfo militar dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, a verdade é que o sistema econômico capitalista foi capaz de moldar-se às mudanças sociais e políticas dos últimos anos. Apesar das crises que surgiram diversas vezes, desde 1929, conseguiu se recuperar e continuar como um sistema hegemônico. Qual seria a razão desse seu sucesso?

A principal premissa que este artigo sustenta é que a Teoria da Ordem Espontânea de Hayek contém um enorme poder explicativo do sistema econômico dominante, ao mesmo tempo em que contradita as bases antagônicas defendidas por ideólogos, seja de esquerda ou de direita. Ademais, a referida teoria *de per se* se estende a outros setores do conhecimento humano, como as ciências sociais, biológicas, físicas e matemáticas. Em termos darwinianos, a mudança e a adaptabilidade são condições determinantes para um organismo alcançar sua evolução e conservação de sua própria vida.

A ordem espontânea foi usada como conceito pela primeira vez na China, por Zhuangzi (Rothbard, 1990). É um conceito-chave no movimento político do anarquismo e do liberalismo - *laissez-faire, laissez-passer*. Na sociologia, o termo tem sido usado por diferentes autores. Niklas Luhmann cunhou o termo

²BBC Brasil, 2017.

Declarações da Dra. Denise Rollemberg. Professora de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense (UFF). "*Tanto o nazismo alemão quanto o fascismo italiano surgem após a Primeira Guerra Mundial, contra o socialismo marxista - que tinha sido vitorioso na Rússia na revolução de outubro de 1917 -, mas também contra o capitalismo liberal que existia na época. É por isso que existe essa confusão.*"

"*Não era que o nazismo fosse à esquerda, mas tinha um ponto de vista crítico em relação ao capitalismo que era comum à crítica que o socialismo marxista fazia também. O que o nazismo falava é que eles queriam fazer um tipo de socialismo, mas que fosse nacionalista, para a Alemanha. Sem a perspectiva de unir revoluções no mundo inteiro, que o marxismo tinha.*"

"*Eles rejeitavam o que era a direita tradicional da época e também a esquerda que estava se estabelecendo. Eles procuravam se mostrar como um terceiro caminho*"

³Byung Chul-Han, Zizek, Wallerstein, Dussel, para mencionar alguns.

⁴Esta tese tem como sustentáculo o final dos processos históricos discernidos como encadeamento de mudança. Hegel defendia que isso iria acontecer quando a humanidade aproximar-se do equilíbrio, fato esse evidenciado pela ascensão do liberalismo e igualdade jurídica. O tema ganhou força em 1989 e 1992 com o artigo de *Francis Fukuyama* denominado "O Fim da História", onde faz uma abordagem histórica de Platão à Nietzsche, varando por Kant e Hegel, revigorando a tese de que o capitalismo e a democracia consistem no auge da história da humanidade. Na época, a devastação do fascismo e do socialismo (queda do Muro de Berlim), o autor acredita que a humanidade teria atingido o coroamento de sua evolução com a vitória da Democracia Ocidental sobre as demais ideologias. (FUKUYAMA, 1989).

autopoiese para designar sistemas capazes de se reproduzirem ou manterem-se por si mesmos⁵. Na biologia, a teoria fica mais associada à evolução, bem como à capacidade de adaptação dos organismos às mudanças ambientais em seu habitat. Já na física, um ramo inteiro de conhecimento chamado sistemas dinâmicos complexos foi gerado, no qual se busca encontrar o ponto em que um objeto com uma trajetória aleatória gera um padrão ou prevê uma possibilidade de mudança, caso suas condições iniciais mudem.

O capitalismo (ou, mais especificamente, o livre mercado) consegue porfiar de forma efetiva o poder de adaptação próprio da natureza, e sua ausência somente será possível com base na força política que seus adversários ideológicos sustentam. Edwin Van de Haar (2011) ainda possui uma tese mais arriscada. Em seu artigo, a "Ordem Espontânea de Hayek e o Balanço Internacional de Poder"⁶, considera que a Teoria da Ordem Espontânea de Hayek explica todo o equilíbrio da ordem política internacional. A ordem e a liberdade parecem ser os dois principais motivos dos discursos políticos dos países de hoje, e Van de Haar confia nas ideias clássicas do liberalismo para apoiar seu argumento. Hume, Smith, Mises e Hayek ponderam que o livre mercado tende, como a natureza, a corrigir seus próprios erros. Van de Haar defende que a falta de uma ordem internacional eliminaria a possibilidade de liberdade individual (VAN DE HAAR, 2011). A ordem é uma pré-condição necessária para a vida humana ser viável. Do ponto de vista de Hayek, a ordem espontânea e suas instituições são produtos de um processo evolutivo nas quais alternativas menos eficazes são eliminadas (VAN DE HAAR, 2011).

O capitalismo tem sido tão eficaz na mudança e adaptação que hoje subsiste em Estados-Nação que exercem oficialmente um governo socialista⁷ (China) ou alta intervenção do governo, como em muitos países europeus. Não se quer com isso defender que o sistema capitalista não leve à crise, como a que se evidenciou em 2008, quando empréstimos hipotecários nos Estados Unidos da América e títulos de "*swap*"⁸, criados por instituições financeiras, levaram à falência um grande número de bancos. No entanto, o próprio sistema tem uma enorme capacidade de corrigir seus erros e de adaptar-se às mudanças que ele mesmo provoca. Diante disto, considerar-se-ão neste trabalho alguns pontos teóricos dos acusadores do capitalismo para comparar os axiomas postos.

As ideias do liberalismo são moderadamente novas, se comparadas aos governos de um único grupo de poder ou de um Chefe de Estado específico. O que se tem conhecido desde as primeiras civilizações foram monarquias, tiranias, repúblicas e outras formas de governo em que o poder político tem um peso maior do que o poder econômico. Foi em cima dessa situação que Carl Schmitt⁹ observou uma mudança nessa tendência para o século XX e apontou a importância de preservar a relevância do Estado. Ideia que parece ter sido colocada em prática com duas guerras mundiais justificadas por razões econômicas, mas realizadas a partir da força e das ordens dadas pelo Estado-Nação. Para Schmitt, a guerra é uma condição natural da política (Schmitt, 2009) e pode desaparecer se a dicotomia amigo *versus* inimigo for modificada por ideias liberais.

A contrariedade de Carl Schmitt ao mercado tem influência de sua história alemã e do próprio Ocidente. Maquiavel, Hobbes e, inclusive, o Direito Romano são as variáveis que influenciam a crítica de Schmitt às ideias do liberalismo. Em parte, Schmitt concebe à República Romana como um modelo de Estado evoluído, tendo em vista que este Estado foi um dos primeiros a perceber a dicotomia amigo *versus* inimigo, tanto dentro de Roma quanto fora do Império (SCHMITT, 2009). A política teve um enorme peso nas batalhas e nas decisões políticas que o levaram a prosperar como nenhum outro povo¹⁰.

⁵Embora, no sentido estrito, a ordem espontânea e a autopoiese não signifiquem exatamente as mesmas, ambas apelam para a auto-organização de um elemento específico.

⁶VAN DE HAAR, 2011.

⁷Considere a pesquisa feita pelo Discovery Channel da República Popular do Capitalismo para apoiar este ponto. Disponível em: <https://caecoufjfgv.wordpress.com/filmes-e-documentarios/>

⁸Contrato em que as partes contratuais negociam derivados indexados (indexadores) relacionados a seus próprios ativos ou passivos, tendo variável base: a taxa de juro. Portando, neste tipo de operação, existem barganhas nas posições contratuais dependendo dos riscos e rentabilidades negociadas entre os investidores. Neste contrato de câmbio tem como objeto contratual as commodities, ativos financeiros e, até mesmo, as moedas.

⁹SCHMITT, 2009.

¹⁰É muito relevante que se entenda a gloriosa história de Roma. As teorias que estudam a queda do Império Romano são diversas e divergem entre si. Levando-se em conta os tempos do Cônsul Marcos Túlio Cícero entre 68 a.C e 54 a.C, etapa muito importante do Império, pode-se considerar estas razões: 1) A mudança de regime político imposta por Júlio César em torno de 46 a.C.; 2) A rebelião de escravos que colocam em crise a economia interna de Roma e 3) o constante desgaste militar do Império para preservar seus limites territoriais.

Por outro lado, é Maquiavel, o pai do realismo político, que também ansiava pelo modelo romano de governo e lutava para que as cidades-estados da Península italiana se unissem da mesma forma que nos tempos de Roma (Império). Somente através de um poder político forte e coeso o Estado poderia recuperar a força que já teve. O que se vê é uma situação em que o Estado consegue empunhar pela força a liberdade de outros homens para sustentar sua economia, tomando, por triunfo militar, as riquezas de outras nações. Situação que é imitada no século XX, quando o Terceiro Reich procura tomar os poços de petróleo que estavam na área de Stalingrado. A função do governo centralizado ou totalitário tem sido, de acordo com a mesma história, roubar os bens de outros povos ou subjugar as liberdades individuais para gerar riqueza através de sua exploração.

Por fim, tem-se Hobbes (2009), que adentra na ideia schmittiana de liberdade. O autor usa um conceito mecanicista de liberdade. Ao contrário de Locke, Hobbes (2009) considera que os homens entrariam em estado de guerra se estivessem no estado hipotético da natureza. A liberdade momentânea que eles teriam seria cortada por outros homens que tivessem a capacidade de sujeitar esse único indivíduo a uma massa de homens organizados e hierárquicos. O que Schmitt traduziria como a negação do liberalismo individualista:

A questão é, no entanto, se uma idéia puramente política pode ser obtida do conceito puro e consequente do liberalismo individualista. A resposta tem que ser negativa. Pois a negação da política que contém todo o consequente individualismo conduz, evidentemente, a uma prática política, a da desconfiança contra todo o poder e forma política do Estado imaginável, mas nunca a uma teoria positiva própria do Estado e da política. (SCHMITT, 2009, p. 98).

O que se pode aduzir é que a liberdade individual, no ponto de vista liberal, conceberia assumir uma posição política particular, ou em seu defeito, uma “despolíticação” da vida pública em busca da propriedade privada, passando os atores políticos a um segundo plano. Neste esquema macro-político de Schmitt, uma sociedade apolítica, livre e liberal não subsistiria se não assumisse uma postura política em relação aqueles que não seguem seus princípios.

Em síntese, a Teoria da Ordem Espontânea é uma ideia muito comum em vários ramos do conhecimento. Através da ordem gerada em situações caóticas, pode-se estabelecer padrões de comportamento que sustentam o sistema por um determinado período de tempo. Uma das condições para que esses sistemas dinâmicos ou ordens espontâneas mantenham-se, é que as condições iniciais não mudem. Na política, a condição inicial é dada pela liberdade individual. Quando a liberdade é condicionada, as possibilidades de uma ordem espontânea são restringidas em outros planos além do indivíduo. E aí indaga-se: É possível que pequenas ordens espontâneas permaneçam sob uma ordem internacional despótica?

3 LIBERDADE E ORDEM INTERNACIONAL

Aquém, a autoridade que cria a ordem e a ordem que condiciona a liberdade; além, a liberdade, tomada no vago, no absoluto, e desprendida de todo o condicionalismo social, a liberdade até aos paroxismos da anarquia.

(Oliveira Salazar)

Manter a liberdade sob condições belicosas de política internacional tem sido um desafio dos mais antigos da história da sociedade humana. Como exemplo no Ocidente temos o diálogo de Mélios, relatado por Tucídides durante a Guerra do Peloponeso¹¹. Esse diálogo surgiu entre Atenas e a ilha de Mélios, que desejava permanecer neutra na guerra que os atenienses estavam tendo com Esparta. O principal pedido da ilha era respeitar sua condição de neutralidade no conflito que eles viam como alienígena. Os atenienses não queriam que seu poder fosse questionado por permitir a neutralidade dos poderes militares menores. Os Melianos consideraram que sua posição não afetou uma luta na qual eles não tinham nada para ver. Apesar das tentativas de negociação, os atenienses não aceitaram o pronunciamento da ilha e acabaram invadindo-a.

Conforme o pensamento de Hayek, a Ordem Espontânea não tem por base uma harmonia de interesses, mas fundamenta-se na busca dos próprios interesses, sem considerar os efeitos invisíveis do exterior

¹¹TUCÍDIDES, 1987.

(VAN DE HAAR, 2011). No caso da ilha de Mélios, seus políticos tomaram a pior decisão, não se aliando a nenhum dos lados e permitindo que o equilíbrio fosse estabelecido a partir dos interesses egoístas de Atenas, que acabou por conquistá-los pela força. Esse exemplo serve aos defensores do realismo político para demonstrar a falsidade do estado de natureza de Locke. Ou seja, a legalidade do Estado baseia-se na liberdade negativa entendida por Thomas Hobbes (SMITH, 2015), que concebeu a liberdade como ausência de oposição ou impedimentos externos ao movimento (HOBBS, 2009).

Essa concepção mecanicista da liberdade em Hobbes foi de grande importância para refutar o argumento dos individualistas¹² (SMITH, 2015). Hobbes, como um bom absolutista, acredita que todas as leis restringem a liberdade e que somente em um estado de completa anarquia a liberdade absoluta poderia ser alcançada.

Embora este debate tenha sido levado à modernidade por autores como G.A. Cohen (SMITH, 2015), se acredita que, mesmo em uma sociedade libertária, as ações do indivíduo seriam restritas (SMITH, 2015). É claro que o debate é tão antigo que Locke respondeu¹³ às alegações de Hobbes, argumentando que a concepção da liberdade é mal entendida porque:

Liberdade não é, como dissemos, "liberdade de fazer cada um o que você quiser". Quem poderia ser livre, quando o desejo de qualquer outro homem poderia subjugar-lo? Mas é sobre a liberdade de dispor e ordenar livremente, como agrada, de sua pessoa, ações, posses e todos os seus bens ... "; Em um estado de perfeita liberdade, as pessoas podem "dispor de suas pessoas e bens como entenderem, dentro dos limites da lei natural, sem pedir permissão ou dependendo da vontade de qualquer outro homem. (SMITH, 2015).

A liberdade é, portanto, baseada em uma norma natural de que todos os indivíduos têm que exercer jurisdição sobre sua primeira possessão: eles mesmos. Quando se traduz essa liberdade num grupo de indivíduos que compõem uma sociedade (p.ex.: a Ilha de Mélios), sua liberdade anula-se, pois precisa-se entrar em uma dinâmica política além de suas próprias fronteiras. A questão agora é: Como o equilíbrio político pode ser sustentado em um ambiente social incerto no qual um único Estado não busca o controle de todos aqueles que não estão sujeitos a ele?

Respondendo essa indagação, deve-se referir aos textos de Michel Polanyi (apud VAN DE HAAR, 2011), que mantinha um relacionamento de amizade com Hayek e criou o termo de "ordem espontânea". Sua participação na definição da ideia de ordem social foi muito importante, pois a específica como que "a ordem vem de partes internas e externas ... a ordem social espontânea é o resultado de permitir que os seres humanos para interagir uns com os outros por sua própria iniciativa, sujeitas apenas às leis que se aplicam uniformemente a todas elas". (VAN DE HAAR, 2011).

A consequência maior dessa definição é que dinheiro, idioma, mercados e comunidades crescem de maneira "natural" (VAN DE HAAR, 2011) e seus resultados não são intencionais. Por causa disso, é que se deriva o conceito de "vácuo de informação", impedindo que um único indivíduo possua todo o conhecimento necessário para estabelecer uma ordem social. Denota-se, então, inúmeros conceitos de Hayek sobre sua teoria da ordem econômica: equilíbrio, dinâmica, efeitos imprevisíveis, informação perdida, adaptação e evolução. Esses termos e seus conceitos, como diz Van de Haar, não só podem ser aplicados a um ambiente local, mas podem também ser extrapolados para um cenário político internacional.

¹²O objetivo de um sistema jurídico justo deve ser o de melhorar e preservar a liberdade.

¹³Sir Robert Filmer (principal alvo de Locke em seus dois tratados sobre o governo civil) defendeu a posição de que "a verdadeira liberdade é o direito de cada um fazer o que bem entender, do jeito que ele gosta e não estar sujeito a nenhuma lei". (SMITH, 2015). Locke respondeu diretamente ao Filmer em vários textos.

4 A ORDEM POLÍTICA E O EQUILÍBRIO NA ORDEM ECONÔMICA

A política é quase tão excitante como a guerra e não menos perigosa. Na guerra a pessoa só pode ser morta uma vez, mas na política diversas vezes.

(Winston Churchill)

Partindo da premissa de Clausewitz (2006), a respeito da guerra e da política como dois lados da mesma moeda, pode-se então entender a guerra nuclear como a última forma política de mediação e subjugação dos Estados-Nação. A Guerra Fria era, então, uma nova forma de conflito político em que a aniquilação total do outro era uma possibilidade tangível. A resolução final desse conflito é o que interessa neste subtítulo do trabalho. Embora ambas as nações tivessem o poder de desencadear uma guerra nuclear, por uma razão ou outra, isso não aconteceu. Pode-se, então, supor muitas explicações que justificam esse resultado. Ousa-se, pelo trabalho ora exposto, pensar apenas em um: o conceito de equilíbrio estabelecido por Hayek.

Uma das características mais peculiares da Guerra Fria e que a humanidade não havia sentido antes era a possibilidade de um ataque nuclear global maciço. Durante esse período houve várias ocasiões em que ambos os lados estavam prestes a apertar o botão vermelho e soltar, o que Kissinger achava que seria, o Apocalipse. No entanto, após o colapso da União Soviética, o sentimento de autodestruição em massa estava se dissipando. Embora hoje existem países com armas nucleares e inimigos para o qual essas armas poderiam ser lançadas, a realidade é que esse cenário é considerado altamente improvável.

Por quê? O que acontece, em um contexto de guerra nuclear, poderia ser considerado, em termos de Carl Von Clausewitz (2006), como uma guerra "absoluta", nas quais as repercussões políticas e sociais de um confronto desse tipo são incalculáveis. Bernard Brodie (1966) cunhou o termo "estratégia de dissuasão nuclear" logo após testemunhar o poder destrutivo das bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki, e estabeleceu uma série de condições pelas quais podemos entender a ordem hayekiana espontânea, o que hoje dia é considerado a ordem política moderna. Brodie estabelece uma série de postulados que definem o significado das armas nucleares:

- a) Eles são estrategicamente fundamentais;
- b) Eles são superiores às forças aéreas e navais;
- c) Não há defesa realista deles;
- d) Eles podem decidir uma guerra.

O termo de Brodie (*deterrence*) significa a capacidade de causar dano com custos absurdos, somados à capacidade de comunicar com credibilidade suas intenções. Essas definições são importantes para entender a estratégia militar nuclear. Segundo o autor, ao contrário de uma guerra comum, em um ataque militar, o primeiro golpe é o que conta. Ou seja, ao se decidir por um alvo a atacar, está se enviando ao mesmo tempo uma mensagem política, e com isso se pode alcançar o objetivo político pretendido com o simples fato da ameaça (BRODIE, 1966). Em outras palavras, a utilidade da arma atômica não é encontrada em seu uso, mas na ameaça de seu uso. Se um país tem a capacidade de deixar seu inimigo saber que ele pode devolver o golpe com a mesma intensidade com que recebeu, esse país pode desaconselhar seu inimigo de iniciar o ataque. Esse método de dissuasão é o que levou muito da estratégia americana quando teve como inimigo a União Soviética.

Durante toda a Guerra Fria nenhum dos dois principais protagonistas deu o primeiro passo. Poder-se-ia considerar que havia uma espécie de equilíbrio hayekiano, bem como militar e politicamente. As guerras travadas em países como o Afeganistão, Cuba ou Vietnã foram convencionais e terminaram por razões políticas. Elas nunca foram decisivas o suficiente para marcar uma vitória completa da parte de qualquer um dos adversários.

Por muito tempo, o conceito de equilíbrio de poderes tem sido amplamente utilizado em estudos de relações internacionais (VAN DE HAAR, 2011). Antes do século XVII, as ordens políticas eram dadas por um grupo hegemônico representado em alguma cidade-estado, um grupo étnico ou um país específico (VAN DE HAAR, 2011). Mais tarde, com o avanço do capitalismo e o rearranjo das forças políticas, o nível de violência em geral estava declinando. Esse argumento também é apoiado por Steven Pinker (2011), em seu livro *The Better Angels of Our Nature*, no qual ele atribuiu esse declínio a vários elementos. Alguns que consideramos importantes são: "A criação de Estados-Nação" que, segundo Pinker, afastam o desejo individual de vingança,

ataques ou o uso de violência para seus propósitos pessoais (PINKER, 2011). O segundo elemento está relacionado ao "aumento do comércio em nível global", tendo em vista o avanço da tecnologia que proporciona a troca de bens e serviços em localidades cada vez mais distantes uma das outras, fazendo com que pessoas criem parcerias de intercâmbio. Isso faz com que as pessoas se tornem mais valiosas e, ao mesmo tempo, torna-se improvável que outros indivíduos se tornem alvos de uma possível desumanização ou demonização do outro (PINKER, 2011).

Hayek e Pinker concordam em relação à perspectiva econômica, bem como com a paz entre as nações, mas Hayek confere a redução da violência a um pantopolitismo superior, decorrente da atuante barganha da cultura e literatura facilitada pela tecnologia avançante. Acrescente-se a tudo a grande mobilidade humana e a concepção e institucionalização de meios de comunicação de massa que facilitam o intercâmbio de percepções do mundo e da vida no círculo de solidariedade que crescem com os diferentes pensamentos das pessoas sobre o tema (PINKER, 2011).

O último elemento (racional) de Pinker, que é importante mencionar, é o "aumento da razão na resolução de conflitos". Conforme o autor, o aumento do uso da razão e do conhecimento em problemas sociais faz com que o caminho do diálogo e do acordo mútuo seja a primeira opção antes da violência (PINKER, 2011). Já Hayek fala sobre o conceito de informação dispersa do ponto de vista econômico¹⁴. Ao se deslocar essa ideia para a atual ordem internacional, saber-se-á, por exemplo, que um determinado indivíduo politizado em um determinado país não terá controle sobre as informações que tratam de sua contrapartida política, ou o que deseja ou precisa seu antagonista de seu país, assumindo, assim, uma programação fundada em suposições e parte para negociar trocas culturais, econômicas e/ou políticas sobre um tema específico.

Portanto, o uso de informações dispersas facilita o equilíbrio entre nações e povos, evitando que eles recorram à violência para corrigir suas divergências. A informação dispersa é a base das negociações políticas na era moderna. O mesmo Kissinger estava ciente desse "vácuo" de informações entre países e indivíduos e usou-o a favor quando ocupou seu cargo de Secretário de Estado (KISSINGER, 1995).

Em resumo, argumenta-se que a Guerra Fria estabeleceu um novo tipo de equilíbrio político entre as potências do mundo. Apesar das crenças e discordâncias dos políticos, essa ordem ocorreu espontaneamente. Há muitos argumentos sobre o equilíbrio de forças em uma guerra nuclear (teoria dos jogos, teoria dos sistemas, etc), da qual usou-se neste trabalho: a teoria de Brodie. Entendeu-se que ocorreu um conflito militar em termos políticos, um terreno no qual a ordem mundial acabou sendo disputada. A repulsa a este argumento ocorreria no momento em que houvesse uma Guerra Nuclear. Usou-se, então, os argumentos de Pinker para considerar esses tempos como os mais pacíficos da história e atribuiu-os à ordem espontânea. Deve-se ao capitalismo a multiplicação da riqueza mundial nas últimas décadas (SCHETTINO, 2016), e a tendência ainda não mudou. O que resta aos povos e nações é analisar quais são os limites do liberalismo e encontrar algum ponto válido em seus antagonistas.

5 O LIBERALISMO: SUAS FRONTEIRAS

Um governo que mantenha a lei e a ordem; defina os direitos de propriedades; sirva de meio para a modificação dos direitos de propriedade e de outras regras do jogo econômico; julgue disputas sobre a interpretação das regras; reforce contratos; promova a competição; forneça uma estrutura monetária; envolva-se em atividades para evitar monopólio técnico e evite os efeitos laterais considerados como suficientemente importantes para justificar a intervenção do governo; suplemente a caridade privada e a família na proteção do irresponsável, quer se trate de um enfermo mental ou de uma criança; um tal governo teria, evidentemente, importantes funções a desempenhar. O liberal consistente não é um anarquista.

(Milton Friedman)

¹⁴As informações que existem não podem ser processadas apenas de um indivíduo ou de um grupo delas. As pessoas precisam do mercado para trocar bens e serviços que não têm um sobre o outro e geram informações indiretas sobre os preços desses bens. Ordem e riqueza são formadas espontaneamente no mercado livre. (HAYEK, 1946)

Partindo do pressuposto das relações dialéticas no pensamento hegeliano, se estabelecerá a contrapartida reacionária do liberalismo e do capitalismo, em geral faria sentido. Mas, diante da demolição do muro de Berlim e a diminuição da força do marxismo à época, o lado inverso não parece ter o mesmo tamanho de sua contrapartida hegemônica. Os remanescentes existentes do "segundo mundo" tendem a desaparecer ou ficar completamente isolados do exterior interligado.

Por outro lado, os intelectuais dos países que lideram o "primeiro mundo" indagam-se sobre o futuro da civilização sob os cânones liberais. Os opositores do liberalismo ainda estão muito longe de desassomarem e, de quando em quando, parecem recuperar as forças d'outrora; os governos socialistas na América Latina, o grande poder russo e chinês, somado à mudança de mentalidade da sociedade americana que apoia candidatos abertamente socialistas como Bernie Sanders¹⁵.

Objetivamente, para Hayek, o que hoje ameaça o liberalismo regularmente também ameaça o conceito de liberdade e seus muitos significados. O pós-modernismo e outras correntes teóricas da filosofia política, como "bio-poder", mudaram parte dos problemas atuais para outros espaços sociais em que parece que o liberalismo atual tem permeado. O poder que foi percebido por muito tempo em um espaço específico, como o poder popular, é agora visto na esfera privada. Esse micro poder parece estabelecer uma ordem e controle de indivíduos, nos quais poucos percebem sua existência. Byung-Chul Han (2014) menciona em seu livro, *PsicoPolícia*, que considera os ideais liberais de hoje a cadeia de muitas correntes de pensamento.

Vivemos em uma fase histórica especial em que a própria liberdade dá origem a ações. A liberdade de poder gera ainda mais coerção do que o dever disciplinar. O dever tem um limite. O poder de fazer, pelo contrário, não tem nenhum. É por isso que a coerção que vem do poder de fazer é ilimitada. Estamos, portanto, em uma situação paradoxal – um absurdo. A liberdade é a contra-figura da coerção. A liberdade, que deve ser o oposto da coerção, gera coerção. Doenças como depressão e síndrome de Burnout¹⁶ são a expressão de uma profunda crise de liberdade. Eles são um sinal patológico de que hoje a liberdade se torna, de diferentes formas, coerção (BYUNG-CHUL, 2014).

O cinema norte-americano constantemente refere-se à liberdade e sua importância como direito pleno. No entanto, existem vários obstáculos que limitam essa liberdade e, para alguns autores como o Han (2014), eles tendem a se tornarem corriqueiros. Embora essa ideia foucaulliana tenha permeado os atuais cientistas políticos, a verdade é que o livre mercado segue o conceito hayekiano de adaptação e evolução. Ora, o indivíduo é o autêntico soberano condutor da vida social, suas decisões e interesses encontram-se retratados por todo o seu ambiente. Já os denominados comunitaristas entendem que todo indivíduo tem uma história, uma cultura e uma linguagem que moldam seu pensamento de forma muito particular fazendo dele uma "comunidade". Essas ideias são refletidas em tudo o que produz; urge uma conjuntura que permeia suas atitudes e percepções, de forma a se replicar em outras partes do mundo. No estilo de meme (imitação), a liberdade encontra simpatia em diferentes áreas do mundo globalizado; da mesma forma seus opositores. Observa-se simpatizantes de ideias nazi-fascistas nos lugares mais insuspeitos do mundo. É por isso que fenômenos como o "*Occupy Wall Street*"¹⁷ ocorreram nos Estados Unidos, porque a mentalidade de seus habitantes mudou muito nas últimas décadas.

Tendo como base a premissa de que todos os indivíduos desejam ser livres, de quererem ter a liberdade de escolha, poder-se-ia estar afirmando um engodo, uma hipocrisia; tendo em vista que, necessariamente, a liberdade caminha de mãos dadas com a responsabilidade (juntamente com o peso de nossas atitudes). Na Idade Média os indivíduos não tinham essa preocupação emergente, pois pugnava que o

¹⁵Político estadunidense – Senador do Partido Democrata – autodeclara-se socialista, democrático, e progressista que admira o modelo nórdico de social-democracia e a democracia no local de trabalho.

¹⁶Caracteriza uma pessoa que chegou ao seu limite e sente-se esgotada. No entanto, há uma ligação da Síndrome que a desvincula da depressão, do estresse rotineiro, da ansiedade. Para ser considerada Síndrome de Burnout, necessariamente, toda esta estafa física, mental e emocional tem de estar ligada ao trabalho. (CANDIDO, J.; SOUZA, R. L. de, 2017)

¹⁷O movimento **Occupy Wall Street (OWS)** foi um fenômeno de protesto que iniciou-se no dia 17 de setembro de 2011, no distrito financeiro de Wall Street, em Nova York. As pautas de reivindicações do OWS eram a desigualdade social e econômica, a ganância, a corrupção e a grande influência de empresas sobre o governo, particularmente do setor de serviços e o financeiro. Seu slogan era "Nós somos os 99%", que se referia à época o percentual de desigualdade de distribuição de renda e riqueza nos EUA, comparado com 1% mais rico da população. Para atingir seus objetivos, realizaram uma ocupação permanente de Wall Street.

homem foi colocado em algum lugar da sociedade da qual não deveriam se queixar. Nascer filho de alguém implicaria aceitar o *status* social, pois era plano divino. À medida que as ideias liberais e o "sonho" americano¹⁸ se popularizam, as pessoas passam a se sentir responsáveis por suas próprias vidas. Aqueles que não aceitam esse peso e não são convencidos pelo argumento divino, tendem a atender a outros tipos de ideologias que uma instituição como o Estado, o Socialismo, a Justiça Social, o Patriarcado, dentre outros servem para reduzir, de certa forma, o "fardo da liberdade" expandida que o liberalismo oferece.

Carl Schmitt tinha receio que a política fosse preterida pela economia. As alegações feitas na biopolítica de Han (2014) indicam que esse fato ocorreu na história e está acontecendo na maior parte do mundo livre. O sujeito moderno submete-se, subjetivamente, sem a necessidade de que uma força exerça qualquer tipo de poder sobre si mesmo. A política parece ter se tornado uma instituição (empresa) que tem como mister a conquista de fregueses (consumidores) através do *marketing*: como se houvesse uma grande semelhança entre o voto (do cidadão) e o dinheiro (do consumidor). É muito relevante, portanto, levar-se em consideração "as diferentes faces do liberalismo".

Todavia, há uma corrente intelectual que sustenta que se vive num mercado livre puro; mas a verdade é que o peso que o Estado impõe à ordem social é muito poderoso e imprescindível em determinados setores. Neste momento, o Estado é o ente social que, a despeito da redução de seu poder, detém o monopólio da segurança pública.

O que alguns liberais não hesitam em afirmar é que ainda se está muito longe de experimentar o capitalismo no seu melhor. O sistema econômico atual tem um longo caminho a percorrer e vários aspectos a serem modificados, como: o conceito de Estado-Nação. O nacionalismo continua a ter um enorme peso na política do século XXI, e embora as ideias liberais permeiem a "psique" de seus sujeitos, um terceiro jogador continua na mesa. O que se pode esperar disso, então, no futuro próximo?

6 A LIBERDADE E O DIREITO DE LIBERDADE NA ORDEM ESPONTÂNEA DE FRIEDRICH HAYEK

A liberdade não tem nada a ver com qualquer tipo de igualdade, mas produz desigualdades em muitos aspectos, é um resultado necessário que faz parte da justificação da liberdade individual.

(Friedrich Hayek, 1960, p.85)

Hayek, através de seus argumentos da Ordem Espontânea, rechaça a concepção dos clássicos liberais que primavam por uma "liberdade natural". Para o autor, não há liberdade individual em sua existência tribal; tal liberdade só é possível numa sociedade aberta e sob um ambiente de um "Estado de Direito". Hayek desconstrói o conceito de liberdade, do qual desconsidera outros aspectos, tais como:

(a) o aspecto da "liberdade interior e intelectual" para evitar que a crença da responsabilidade individual seja enfraquecida;

(b) o aspecto "político", já que o pleno exercício da liberdade individual não exige isso. Em vista disso, Hayek denota que "um povo de homens livres não é necessariamente um povo livre, ninguém precisa participar dessa liberdade coletiva para ser livre" (1960, p. 13), quer dizer, os indivíduos poderiam ser livres se houvesse liberdade econômica individual;

(c) o do aspecto "social", uma vez que a liberdade é estritamente individual e não se refere a coletivos, grupos ou povos;

(d) o do aspecto do "poder". Hayek rejeita o conceito de liberdade de poder de Dewey, defendendo a tese de que a liberdade não é uma capacidade de fazer, não tem relação com possibilidades reais de ação, nem com riqueza: "é inquestionável que ser livre pode significar liberdade morrer de fome, liberdade de incorrer em erros caros, correr em busca de riscos mortais" (HAYEK, 1960, p. 18).

Arrazoa Hayek que a concepção de liberdade é negativa; melhor dizendo, define-se como a "ausência de coerção ilegítima e intencional", que é controlada pelo Estado ou por grupos privados. Se é livre em tudo que não se é impedido de fazer. E o espaço de prática por excelência é o mercado: "o conceito de liberdade é negativo, o que é chamado de liberdade positiva, que permite que alguns gozem o direito de fazer coisas especiais, é irreconciliável com a ideia de igualdade perante a lei" (HAYEK, 2009, p. 48).

¹⁸Pensamentos como os de Raph Waldon Emerson, Thomas Jefferson e Henry David Thoreau.

Hayek defende que a liberdade está fundada na liberdade econômica; é nesta que se compreende, se encerra a liberdade intelectual. "A liberdade econômica não pode ser separada de outras liberdades, a liberdade consiste em experimentar e só pode ser experimentada se todos os meios aos quais se tem acesso puderem ser usados" (HAYEK, 2009, p. 49). A diferenciação entre liberdade econômica e liberdade intelectual é muito postiço, antinatural – não existe um só sistema que garanta a liberdade individual privando a liberdade econômica (HAYEK, 2000).

Toda liberdade tem relações próximas com a moralidade, ambas são cúmplices entre si. Conforme a teoria hayekiana, a liberdade deve sempre ser orientada por um conjunto de regras e tradições morais, econômicas e sociais, visto que a preservação da civilização depende delas e, se ocorrerem infrações, essas devem sofrer a devida coerção de imediato. "Para o indivíduo, a liberdade significa que ele conhece de antemão as regras que deve obedecer para não ser coagido pelo governo" (HAYEK, 2009, p. 48). A liberdade depende, imprescindivelmente, da existência de regras morais consistentes. Indaga o referido autor: "Por que queremos liberdade?" E responde: "[...] o ideal de liberdade inspirou a civilização ocidental moderna e possibilitou suas efetivas conquistas" (Hayek, 1960, p. 1).

Aqui reside o que é fundamental para Hayek: o progresso civilizacional. E a liberdade é um elemento primordial para este progresso. Por esta razão, Hayek defende que a liberdade não causa o egoísmo, nem tão pouco, impreterivelmente, o bem-estar do indivíduo; mas exercitá-la contribui para o desenvolvimento da "sociedade aberta". Esse conceito teleológico se perfaz nos dizeres de Phillips (apud HAYEK, 1960, p. 52): "A liberdade é concedida aos indivíduos não porque lhes dá maior satisfação, mas porque a média deles servirá ao resto de nós melhor do que se eles cumprissem qualquer tipo de ordem que soubéssemos dar a eles". Tal preceito inspira-se nos brocados ideais de Adam Smith, de que o interesse de todos é alcançado de forma desapegada, quando cada um busca seu próprio interesse.

"Todos os homens são desiguais". O pensamento de Hayek sobre a igualdade tem três aspectos: a desigualdade natural, as desigualdades sociais e econômicas e as igualdades funcionais. Conseqüentemente, ele argumenta que, em uma sociedade de mercado, as desigualdades sociais e econômicas são uma consequência esperada e desejável do exercício da liberdade e da competição no mercado entre indivíduos desiguais (HAYEK, 1960).

7 PERSPECTIVAS FUTURAS (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

O sistema é todo constantemente refinado enquanto permanentemente sem uso.

(Bernard Brodie 1959, p. 175)

Até agora, observou-se que as ideias de Hayek não apenas têm um momento presente, mas também norteiam o vislumbamento no futuro. Primeiro, vê-se que a ideia do estado totalitário é capaz de empreender, se tiver o maciço apoio da sociedade que governa. A liberdade é uma das primeiras ideias a sair de cena, e a suposta ordem que ele proclama é obtida apenas pela submissão do indivíduo e seus adversários. A ordem espontânea, por outro lado, teve seu auge, em que, apesar da existência do Estado-Nação, conseguiu manter a estabilidade global graças às teorias de equilíbrio nuclear que se propôs neste trabalho articular.

Mais tarde, observa-se também as consequências de uma sociedade amplamente liberal do ponto de vista da biopolítica. Embora o antagonismo intelectual busque as sombras do liberalismo moderno, a verdade é que ainda é um sistema que precisa ser desenvolvido para corrigir os problemas que a ordem espontânea acarreta. Parece que esse liberalismo tem mais em comum com o movimento político da anarquia do que com outro tipo de pensamento.

O mais puro liberalismo ainda é rejeitado pela maioria das sociedades atuais que ainda precisam da proteção do Estado para se sentirem seguras. A tecnologia terá um papel enorme em mudar essa percepção, se conseguir penetrar em todas as camadas sociais pelos mais variados locais deste planeta. Enquanto personagens como Luis Villoro (2009) atribuiu a existência do Estado a uma pergunta quase natural dos seres humanos em sua busca pelo poder, a lógica de Hayek nos diz que como o Estado não vai desaparecer no curto prazo, a sua existência e utilização serão questionados e reduzidos nos próximos anos.

Hialino é que ainda há muitas lacunas teóricas que precisarão ser reduzidas para se tornar realidade. Nozick (1988) encontra um grande número de dilemas ao discutir os postulados de John Rawls. O papel das

instituições, no que diz respeito à proteção da propriedade privada e à entrega da justiça, são dois dos aspectos que continuarão a ser debatidos no futuro.

No que tange à liberdade, a noção hayekiana apresenta-se reduzida e concentrada à dimensão econômica. Ao contrário de Kant e Stuart Mill, para os quais a liberdade de pensamento e expressão era fundamental para o desenvolvimento da personalidade e da própria liberdade (*lato sensu*), Hayek persiste na aceitação das regras e tradições morais, embora não se saiba como elas funcionam na relação social, mas para ele parece reduzir a liberdade intelectual à possibilidade de experimentar economicamente. Essa opinião não é compartilhada pelos principais teóricos sociais contemporâneos: Weber, Habermas, Giddens, Hinkelammert e outros que ofereceram interpretações significativas e abrangentes sobre o funcionamento das principais instituições sociais.

Ideias de homens não estão intrinsecamente inseridas nas mentes das pessoas; eles evoluem, mudam e se adaptam de acordo com o ambiente em que vivem. Assim como o conceito de liberdade está presente hoje na maioria dos indivíduos no mundo livre, ele pode desaparecer se houver uma força maior em contrário. E nisso reside a importância da Ordem Espontânea de Hayek, as frustrações de manter a ordem humana ainda estão por vir.

REFERENCIAS

BRODIE, B. **The Absolute Weapon**: Atomic Power and World Order. New York: Harcourt, Brace and Company. (ed.), 1946.

BRODIE, B. The Anatomy of Deterrence. **World Politics [Online]**, v. 11, n. 2, p. 173-191, 1959.

BRODIE, B. **Escalation and the nuclear option**. Princeton, NJ: Princeton University, 1966.

BRODIE, B. **Una guía en estrategia naval**. Buenos Aires: Escuela de Guerra Naval, 1947.

BYUNG-CHUL, H. **Psicopolítica**. Barcelona: Herder, 2014.

CANDIDO, J.; SOUZA, R. L. de. **Síndrome de Burnout**: as novas formas de trabalho que adoecem. *Psicologia.pt*, 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1054.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2019.

CLAUSEWITZ, C. **De la Guerra**. México: Colofón. 2006.

COSTA, C. **O nazismo era um movimento de esquerda ou de direita?** BBC Brasil, São Paulo, 7 maio 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-39809236>. Acesso em: 19 fev. 2019.

EL HOMBRE que evitó la tercera guerra mundial. **Para Contar en la Cena**, 2011. Disponível em: <http://paracontarenlacena.blogspot.com/2011/05/el-hombre-que-evito-la-tercera-guerra.html>. Acesso em: 19 fev. 2019.

FAYED, J. P. **Le Siècle des idéologies**. Ágora, 2002.

FAYED, J. P. **O Século das Ideologias**. São Paulo: Piaget, 1997.

FUKUYAMA, F. **The End of History and The Last Man**. New York, 1989.

HAYEK, F. **O Caminho para a Servidão**. 6. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

HAYEK, F. **Direito, Legislação e Liberdade**. vol. 1. São Paulo: Visão, 1985.

HAYEK, F. A. **The Constitution of Liberty**. Chicago: The University of Chicago Press, 1960. [A obra foi publicada em língua portuguesa na seguinte edição brasileira: HAYEK, F. A. Os Fundamentos da Liberdade.

Intr. Henry Maksoud; Trad. Anna Maria Capovilla e José Ítalo Stelle. Brasília/São Paulo: Editora Universidade de Brasília, Visão, 1983.

HOBBS, T. **Leviatã ou matéria forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução João Paulo Monteiro e Maria Nizza da Silva. São Paulo, 2009.

KISSINGER, H. **Diplomacia**. São Paulo: Saraiva, 1995.

NOZICK, R. **Anarquia, Estado y Utopía**. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

PINKER, S. **Os Anjos bons de nossa Natureza**. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

SCHMITT, C. **O Conceito do Político**. Teoria do Partisan. (Apresentação Jürgen Habermas). Belo Horizonte: Del Rey, 2009. ("Der Begriff des Politischen": ensaio de 1932).

TINTO, D. R. Deterrence e Détente: uma breve discussão metodológica. **Polímnia**, v. 1, n. 2, p. 27-35, 2011.

TUCÍDIDES. **História da Guerra de Peloponeso**. Coleção Clássicos IPRI. Tradução do Grego: Mário da Gama Kury. Brasília-DF: Ed. Universidade de Brasília, 1987.

VAN DE HAAR, E. Hayekian Spontaneous Order. Hayekian Spontaneous Order and the International Balance of Power. **The Independent Review**, v. 16, p. 101-118, 2011.

VILLORO, L. **Tres Retos de la Sociedad por Venir**. México: Siglo XXI. 2009.

SOBRE OS AUTORES

Francisco José Mendes Vasconcelos

Graduado em Direito. Especialista em: Planejamento Educacional (UVA-CE); Direito Penal (UECE); Mestre e Doutor em Direito Internacional pela Universidad Autónoma de Assuncion, UAA, Paraguai.

Contato: prof.vasco@unicatolicaquixada.edu.br

Renato Moreira de Abrantes

Graduado em Direito. Especialista em: Direito e Processo Constitucionais (UNICATÓLICA); Direito Processual Canônico (UCP). Mestre Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. Doutorando em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza, UNIFOR, Brasil.

Contato: moreirabrantes@unicatolicaquixada.edu.br